

Contos de
María Judite de Carvalho

NOITE DE NATAL

Foi numa noite de Natal que aquilo aconteceu. O irmão, a cunhada e os sobrinhos acabavam de sair - ainda se ouvia chiar o carro na curva da estrada - e Emília depois de pôr no presépio um último olhar distraído, encostou-se à vidraça a ver a noite. Era uma noite funda e enorme de descampado, sem luar e toda redonda de estrelas. Ao longe, o sino da igreja da aldeia soltou um toque leve e risonho de festa, que rompeu o silêncio. Da cozinha, onde lavava os copos do vinho doce, veio a voz monótona e cansada de Dores:

- O João já não apanha o princípio da missa.

Emília estremeceu. Quis responder à mãe, dizer o quer que fosse, mas o silêncio da noite tinha-a envolvido toda e não conseguiu articular um som.

Também não podia pensar. Era como se se tivesse dissolvido naquela atmosfera calma e deixado por completo de existir. Depois a mãe tossiu e ela lembrou-se de repente de que já ali não estaria para o outro Natal. Sorriu contente à imagem de Joaquim.

O que estaria ele a fazer naquele momento, lá longe, perdido na cidade, sem família, sem amigos, sem ela.

Na última carta parecera-lhe desanimado, mais ainda do que nas outras. Falava do quartel como de uma prisão onde estivesse a cumprir pena por morte de homem. Perguntava, com saudades, pela terra, se tinha chovido ultimamente, se as oliveiras tinham carregado. Achava a cidade feia, dizia que lhe faltava o ar e que logo que acabasse o serviço se metia a caminho e nunca mais o pilhavam lá. Já faltavam poucos meses, para o ano estaria casada, longe do pai, da mãe, daquela solidão de herdade a que nunca se tinha habituado. Longe... Tornou a sorrir. Quando o Joaquim voltasse...

Aquele homem dá cabo de mim! - lamentou-se Dores da soleira da porta.

- Nem hoje, olha que nem na noite de Natal deixa aquela maldita taberna.

Logo temos cena. Senão ficar aí caído na estrada como da outra vez.

- Não lhe diga nada que é melhor. Deixe-o lá.

- Ai eu deixo. Mas descansa que há-de ser ele a armar barulho. Deve vir num bonito estado. Recebeu há dois dias o dinheiro da azeitona, está rico. Só o que tenho é medo que ele caia ao rio.

Emília desviou os olhos. A luz do candeeiro de petróleo batia em cheio na cara magra de Dores pondo-lhe tons lívidos de moribunda. O vestido preto e as mãos descarnadas completavam a impressão. Os olhos ardentes quase não se lhe viam, de fundos.

- Vou-me deitar, disse Emília espreguiçando-se ao de leve. Ao menos assim não implica comigo.

- Boas noites.

- Boas noites.

Emília acendeu a vela e fechou a porta do quarto. Parou um momento em frente do espelho de moldura de plástico que o Joaquim lhe dera ao princípio do namoro, e depois começou a despir-se à pressa por causa do frio. Para o ano o seu Natal havia de ser bem diferente. Sonhara uma noite muito calma, ele e o Joaquim sentados ao pé da lareira. Teriam bolos com certeza, ele era muito guloso. Faria filhoses como a mãe... Parou de desabotoar o corpete e pôs-se a pensar em qual seria o motivo que a impedira sempre de gostar da mãe. De gostar da mãe?

Gostava dela, decerto, mas... O pai, esse era um bêbado, sempre lhe tivera medo. Em pequena tremia como varas verdes quando ele entrava, muito corado, e se punha a beijá-la e a choramingar. Ainda hoje acontecia ele querer às vezes dar-lhe um beijo mas ela escapava-se sempre ao horrível cheiro a vinho que ele deitava. O pai perseguia-a, queria por força beijá-la na testa, passar-lhe pelos cabelos a mão calosa. Emília fugia de lhe ver os olhos, punha-se de nariz no chão para o não encarar. Os olhos dele faziam-lhe mal. As vezes eram tristes, tristes, como os de um cão

abandonado, tristes e raiados de sangue. Era como se lhe pedissem um olhar, como se lhe mendigassem um carinho. E Emília acabara por compreender que ele sabia que ela o desprezava e que, embora não pudesse resistir àquele vício que lhe vinha de novo, precisava de não sentir o desdém da filha. Emília encolheu os ombros. No fim de contas era um bêbado, ninguém o tomava a sério.

Mas a mãe... Por que seria que não gostava da mãe como deveria gostar? Seria por nunca a ter visto reagir? Seria por causa daquela cor de cera, daquelas mãos transparentes e húmidas, daquele olhar escuro e cavado que parecia acusar todos, constantemente? «Só o que tenho é medo que ele caia ao rio».

Parva, grande parva. Se fosse com ela...

Os lençóis estavam frios e Emília puxou-os até às orelhas e soprou a luz. Os cães ladraram para o lado do portão e acabaram num ganir alegre. Uma voz peganhenta entoou em falsete:

- Já foi Maria da Graça
- Já teve graça ao passar
- Trá-la toda - resmungou Dores.

Uma chave começou a raspar a porta. O homem fazia esforços para dar com a fechadura, e, muito irritado, ia dizendo palavrões. Emília levantou a cabeça do travesseiro para ouvir melhor. Contanto que não houvesse cena! Ah, como ela detestava gritos! No entanto, ia apurando o ouvido porque não queria que lhe escapasse nada. Se se visse dali para fora! Maldito bêbado!

A porta abriu-se com estrondo e o vozeirão do pai encheu a casa a fim de continuar a quadra interrompida.

Mas hoje quando ela passa.

- Não faças tanta bulha, a rapariga está a dor-r – arriscou Dores.
- Bico! - gritou ele numa voz empapada. - Se eu faço ou não barulho, isso é comigo. Quem é que ganha o dinheiro, diga lá? Quem é que anda aí todo o dia a cavar a terra, diga lá?

Ficou algum tempo calado à espera de resposta.

Como ela não viesse (Dores devia estar a olhá-lo com um dos seus olhares sem fim), gritou mais alto:

- Bico!

Houve um breve silêncio e depois ele voltou ao assunto.

- Sim, quem é que trabalha? E você e a sua filha, não? Quem é o escravo, o mouro?

Falava a espaços, engolia metade das palavras, devia estar quase a vomitar, pensou Emília com asco.

A mãe disse baixo, com ar casual:

- Lembras-te que dia é hoje? O João, a Maria e os pequenos estiveram aí, depois foram à missa. O João teve pena de não te ver.

O homem soltou um palavrão.

- Esse também sei do que precisava... eu lhe direi quando o encontrar. Não pôde então esperar por mim, à? Está muito fidalgo mas eu lhe direi.

- Tivemos filhoses, disse Dores.

- Os pequenos gostaram. Guardei-te algumas ali no armário.

Houve um silêncio repleto de ameaças.

- E não esperaram por mim - disse então o pai devagar, como se não pudesse crer em tamanha injustiça.

- Tinham filhoses e não esperaram por mim...

Emília tapou a cabeça com a roupa. Estava quase a choramingar, pensou. Mais uns momentos e aí estaria ele a lamentar-se de ser o homem mais infeliz do Mundo e a dizer que ninguém queria saber dele. Não foi, porém, assim. De súbito a voz do homem estalou de furor, enchia toda a casa devia ouvir-se perto da estrada porque os cães voltaram a ladrar.

- Sua cabra! - gritava ele. - Sua grandessíssima cabra! Desavergonhada! Encheram o papo, a? Mas eu te direi, eu te direi... Não fazes outra, juro-te que não fazes outra!

A mãe gritou:

- Emília! Emília!

A rapariga saltou da cama. Não encontrava a vela. Perdeu um momento a tatear a parede no escuro, o coração aos saltos. A mãe continuava a gritar, agora espavorida.

Quando entrou na cozinha deu com os olhos no pai. Ele, porém, não a viu. Parecia louco. Agarrara com força a mulher e tinha na mão o ferro de espreitar o lume.

Dores tinha os olhos muito abertos e olhava para o ferro como que fascinada. Emília sentiu-se gelar. Um imenso terror ganhara-a toda. Estava incapaz de refletir.

- Vais ver, cabra! Vais ver, minha grande cabra! E tinha um risinho alvar e contente.

Emília avançou até à lareira e agarrou num pequeno toro que para ali tinha ficado. Num gesto rápido e certo deu com ele na cabeça do bêbado.

E de repente o ferro caiu, Dores cambaleou um pouco e o homem foi descendo, lentamente, até ficar estendido no chão. Emília não compreendeu muito bem o que tinha sucedido. Dores fitava o marido dum modo estranho. Emília baixou então os olhos e deu com uma boca aberta e duas pupilas muito fixas, que pareciam de vidro. Teve nesse momento um arrepio e reparou que estava em camisa. Isso pareceu-lhe muito importante e pensou que devia ir vestir qualquer coisa porque não era decente estar assim ao pé do corpo do pai...

Dores murmurou com uma voz que não era sua:

-Parece-me que aconteceu uma desgraça. Como foi?... Tu...

- Eu... creio que o matei.

E deitou a chorar como doida, debruçada sobre o peito frio de Dores, que, sem uma palavra, a apertou contra si.

Quando daí a muito tempo conseguiu soltar-se da mãe, sentia a cabeça pesada e as ideias confusas.

Desejava unicamente deitar-se e dormir. Caía de sono, um sono de chumbo que a obrigava a fechar os olhos. Dores atravessou a cozinha como uma sonâmbula e voltou daí a pouco com um xale que lhe pôs nos ombros. Tinha uma grande expressão de angústia.

Por duas vezes abriu a boca para falar mas logo desviou a vista do rosto pálido de Emília. A rapariga queria também dizer-lhe qualquer coisa, sentia que era necessário que o fizesse, mas não conseguia descerrar os lábios.

- Acha que eu devo ir amanhã contar tudo?

perguntou por fim numa voz contraída.

Estava muito direita, não queria voltar a chorar. Competia à mãe resolver, ela faria o que a mãe dissesse. Dores não se mexeu sequer. Estava encostada à mesa e tinha a cara entre as mãos.

- Ainda não vimos - disse depois.

- Ainda não temos a certeza... Falas como se...

Mas nenhuma delas se atrevia a ter a certeza.

Continuavam ali espedradas, sem um gesto e sem uma ideia. Emília começou a chorar baixinho. Então a mãe endireitou-se muito.

Depois aproximou-se do corpo, curvou-se, pegou-lhe na mão sem vida e quase fria.

- Está?

- Está - disse Dores com um suspiro cansado.

- Está.

Olhou a direito para a filha e Emília pensou que ela não era a mesma criatura mole e sofredora que ali estava havia um segundo. Tinha outro olhar e outra voz. Parecia mais viva.

- Temos de o esconder, disse com secura.

- Ninguém saberá de nada.

Emília sentiu de repente que qualquer coisa se abria dentro de si. Escondê-lo, era isso, escondê-lo.

Como é que não se tinha lembrado duma coisa afinal tão simples? E só agora que se sentia liberta compreendia o terror daqueles últimos momentos.

Ninguém saberia de nada, tinha dito a mãe. Ninguém saberia e ela não deixaria de ver o sol nem de se casar com o Joaquim. A culpa não fora sua, não tinha de que ter remorsos. De súbito tudo era fácil e claro.

No entanto...

- E se alguém o encontrou pelo caminho?

perguntou a medo, com um grande desejo de que a mãe a convencesse de que ninguém o tinha encontrado.

Dores disse numa voz um pouco brusca:

- Não é natural, mas se alguém o viu, paciência. Temos de arriscar. Não há outra coisa a fazer senão escondê-lo no casão. Se vierem passar busca à casa e derem com ele, paciência.

Emília sentiu os olhos rasos de água e um grande desejo de beijar a mãe. Ela tinha dito, nós, entrara voluntariamente dentro do caso, tomava a sua parte sem que ninguém lho tivesse pedido. Ficou, porém, hirta e sem se mover. Havia muitos anos que não beijava a mãe. A própria Dores estranharia se ela o fizesse. Não era dessas coisas. Pieguices, costumava dizer.

- Tens de ir vestir qualquer coisa, disse Dores.

- Vamos ao casão.

- Agora?

A mãe olhou-a sem piedade.

- Queres talvez esperar pela manhã! Não sei se te lembras que vem o Bento consertar a rede do galinheiro. Temos de ir já e trabalhar bem depressa para ficar tudo pronto antes do nascer do sol.

Tiveram primeiro de mudar a vaca, depois de tirar a cama de palha que forrava o chão. Cavaram durante duas horas, até ficarem completamente exaustas. Emília estava ansiosa por que tudo aquilo acabasse, mas ia trabalhando com lentidão porque pensava com horror no momento em que seria preciso ir buscá-lo, em que teria de lhe pegar. Quando esse momento chegou, esteve quase a perder os sentidos. Dores chegou-se então a ela e deu-lhe uma bofetada.

- Temos de acabar com isto - disse com dureza. - depois podes desmaiar à tua vontade.

Emília, que era mais forte, pegou então no morto pelas axilas e a mãe pelos pés. Assim o arrastaram até ao casão. Um boneco de palha. Atiraram-no para dentro da cova e sempre sem uma palavra, puseram-se a bater a terra por cima. Era quase manhã quando cobriram tudo com palha e trouxeram novamente a vaca. Voltaram então para casa mas deitaram-se juntas, muito abraçadas um à outra, e de olhos bem abertos.

Às oito horas chegou o Bento e Dores disse-lhe que estava muito aflita, que o marido não viera dormir a casa e que ia à aldeia saber o que se passava.

Embrulhou-se no xaile e partiu.

Logo nesse dia começaram as buscas. Não levaram, porém, muito tempo. Várias testemunhas, o dono da taberna entre outras, disseram que o marido de Dores atravessara a aldeia bêbado como um cacho e a cantar o Tiro Liro. Na opinião de muitos o homem tinha caído ao rio. Dois polícias perderam uma tarde a passear pelas margens. Depois, o caso caiu no esquecimento.

Emília tinha vivido dias de pesadelo. Não comia e quase não conseguia dormir. Andava com cara de desenterrada e toda a gente se espantava com a intensidade do seu desgosto. Depois, quando soube que a polícia se desinteressara do assunto, caiu numa grande melancolia. Passava horas e horas sentada numa cadeira, com o olhar perdido num ponto vago do espaço e um trabalho esquecido entre as mãos.

Dores sacudia-a às vezes daquele torpor com uma das suas novas entonações ásperas. Ela então levantava-se, ia acabar o jantar ou buscar água ao poço.

Nunca mais tinham falado daquilo. Ambas, porém, sabiam que não pensavam noutra coisa. O João e a Maria apareciam sempre ao domingo. Falavam dele, recordavam coisas que ele fizera, citavam frases suas. Duma das vezes Emília levantou-se de repelão com os lábios a tremer. A mãe disse com segura:

- Fica assim quando lhe falamos do pai. Sempre anda com uns nervos...

- E não disse mais nada até os filhos saírem.

O rapaz passou a aparecer menos e a Maria ficou satisfeita porque nunca gostara da cunhada nem da sogra. Na aldeia começava a dizer-se que as duas mulheres «não regulavam». Nunca saíam da herdade senão ao domingo para irem de fugida à missa das sete. Pareciam-se agora mais e ninguém percebia se era por a mãe ter um ar menos acabrunhado, se por a filha ter perdido a frescura. «Há-de ser bonito quando o Joaquim vier!» diziam as comadres com risinhos contentes. Emília também pensava que o Joaquim estava a chegar e sentia uma grande angústia.

Um dia sentou-se à mesa com os olhos vermelhos. Dores olhou-a com atenção mas não lhe perguntou coisa alguma. Havia muito tempo que não precisavam de perguntar nada uma à outra. No fim da refeição Emília disse numa voz que se esforçava por ser natural:

- Escrevi hoje a acabar.

A mãe voltou com simplicidade:

- Fizeste bem. Creio que não podias fazer outra coisa.

E pela primeira vez depois daquela noite, abraçaram-se juntando as suas lágrimas.

Emília viveu então dias de grande calma. Sem a ameaça do regresso de Joaquim, pensou que a vida lhe pertencia inteiramente. Não fazia nada. As vezes punha-se a vaguear pela herdade ou sentava-se muito pensativa numa pedra ou num molho de palha. Deixou quase de se lavar e trazia os cabelos sujos e embaraçados.

A mãe disse uma tarde:

- Vou vender a vaca.

Emília não respondeu. Tinha compreendido.

Dores não podia entrar no estábulo. Deus sabia o que ela sofrera nesses últimos meses quando ia levar a ração ao animal.

Venderam a vaca e fecharam a porta. Pela mesma altura deixaram de ir à missa ao domingo.

Comiam ao almoço batatas cozidas e jantavam os legumes que a horta, muito abandonada, sempre ia dando. Tinham emagrecido muito e dizia-se na aldeia que chegavam a passar fome só para não gastarem dinheiro. O Joaquim, já refeito do desgosto e que andava de namoro com a filha do merceeiro, dizia aos amigos com um sorriso contente que tivera Deus por ele e que a Emília estava um estafermo. Avistara-a um dia, a sair da missa com a mãe, ambas muito embiocadas em xailes pretos e tinha-lhe custado a reconhecê-la. Um autêntico pau de virar tripas, dissera logo nessa tarde. Também Emília o tinha visto. E nunca mais voltara à aldeia.

O ano foi correndo. Agora Dores e a filha dormiam sempre juntas. As vezes, de noite, Emília sacudia a mãe, apavorada, os olhos arregalados para o escuro e só descansava quando Dores, muito trémula, acendia a luz. Outras vezes era esta quem acordava a filha:

- Ouviste? Estão a mexer na porta... não ouves? Não ouves?

Emília, coberta de suores frios, apurava o ouvido.

E as duas, loucas de terror, os olhos muito abertos a querer furar a noite, esperavam a cada instante que a porta se abrisse e qualquer coisa entrasse no quarto para lhes ir tocar com as mãos frias e já viscosas. Só conseguiam sossegar quando o dia principiava a romper. Dormiam então até altas horas e esqueciam-se muitas vezes de almoçar. Levantavam-se pela tarde e olhavam sempre para o relógio, a pensarem já na noite que se ia aproximando.

Um dia as duas mulheres conversaram longamente, o que talvez nunca tivessem feito. A filha começou por sugerir à mãe uma coisa que havia muito germinava no espírito de Dores. Chegaram portanto a um acordo com facilidade. Nessa noite dormiram melhor.

Quando muitos dias depois, o João apareceu na herdade, encontrou-a deserta. Chamou mas ninguém lhe respondeu. Correu toda a casa sem resultado.

Atraído por um dos cães, que gania encostado ao casão, meteu os ombros à porta e entrou. As duas mulheres tinham-se enforcado.

A NOIVA INCONSOLÁVEL

Ambas a tinham beijado, abraçado, lamentado sinceramente, com palavras trémulas e lacrimejantes, muito sentidas: «Coitada, mas que pouca sorte a tua!» - «Oh filha, eu, quando soube, fiquei varada, nem queria acreditar...» - «Mas como é possível, como é possível?» Queriam saber pormenores. Como fora, afinal de contas? Que acontecera? O jornal explicava tão mal, a notícia era tão pouco clara... E Joana ia-se repetindo, incessantemente, no mesmo metal de voz cansado e igual. Ele telefonara-lhe na antevéspera, dissera-lhe que no dia seguinte - ontem - tencionava ir com uns amigos à praia, ao fim da tarde, quando saísse do escritório. «Vamos num pulo a Carcavelos dar um mergulho.» Ela parece que adivinhava, um pressentimento, não é?, tinha feito tudo para o dissuadir. Mas ele teimava: que estava combinado, e isto e aquilo. Tinha ido. Não sabia mais nada. Ninguém sabia mais nada.

«Era a morte a chamá-lo.»

«Era.

«O nosso destino está marcado, filha. Digam o que disserem. Se ele não tivesse ido nadar para Carcavelos, acontecia-lhe qualquer outra coisa. Ficava atropelado, por exemplo. O dia dele era ontem.»

«O dia dele era ontem. O nosso quando será?»

Houve um breve silêncio cheio de perguntas. A Elsa, uma morena muito pintada, disse, levantando-se, com um suspiro:

«Tenho que ir indo. Não quis deixar de te dar um abraço, mas agora tenho que ir indo. O dentista marcou-me hora às cinco e meia. Já não tenho muito tempo.»

A outra, que estava sentada perto da janela, perguntou se o dentista ficava na Baixa. Então ia comprar botões. «Tu desculpas, sim?, mas é que me fazem tanta falta!»

Houve novamente beijos muito estalados e pedidos, melhor, exortações à resignação. Agora já não havia nada a fazer. Era preciso ter coragem, encarar as coisas de frente. A Elsa ia ainda dizer que as lágrimas não serviam de nada, mas deteve-se a tempo quando verificou que Joana não chorava, olhava-as de frente com o rosto seco e a expressão de todos os dias. De todos os dias? Bem, talvez não fosse exatamente assim. A expressão dela não era a de todos os dias, era mesmo uma expressão nova, diferente de todas as suas expressões. A Guida, porém, e a Elsa não compreenderam o seu significado. Eram raparigas simples, que não viam muito para além das coisas.

A porta fechou-se devagar e as duas começaram a descer a escada. Um sol de fim de tarde, amarelado e sujo, atravessava com dificuldade a claraboia.

«Coitada», disse Guida abrindo a mala para se ver ao espelho, «não se pode dizer que tenha tido muita sorte. Tanto se ralou para arranjar um homem e ele morreu assim do pé para a mão. E logo afogado, que horror!»

«Sempre tive um medo horrível de morrer afogada», declarou Elsa. «Bem, eu sei nadar... mas a verdade é que ele também sabia. Não sei porquê, mas o fundo do mar... Aqueles bichos horríveis, moreias, não é?, que parecem cobras. No aquário de Algés havia duas moreias, de olhos muito vivos, a olharem fixos para mim. Tinha pesadelos sempre que lá ia. Quando era miúda, claro. Depois nunca mais lá voltei. Já devem ter morrido. Quanto tempo durará uma moreia?»

A outra riu.

«Sei lá! Em todo o caso no mar de Carcavelos não deve haver moreias. Que... bem, tens razão... A gente não sabe onde ele está, por onde anda. Não apareceu... Ainda não deu à costa. Quando isso acontecer, deve estar... Meu Deus, não vou comer peixe durante muito tempo.»

Teve um arrepio. «Coitada da Joana, nunca mais arranja outro. Com uma cara daquelas... Ouve cá, tu achas que ele casava mesmo?»

«Levava-lhe jeito. Até tinham comprado uma mobília de quarto... Já vês...»

«Sim, claro, mas é esquisito, não achas?»

«É. Há muita coisa esquisita por esse mundo. Olha, eu, por exemplo, não tenho hora marcada no dentista. O Zé deve estar à minha espera na paragem do autocarro.»

A outra foi atacada de riso.

«Eu também não vou à Baixa comprar botões. Vou à segunda *matinée* do Tivoli. E tenho que me meter num táxi, senão chego tarde.»

Separaram-se alegremente. No fundo, eram excelentes raparigas. Não tinham querido falar em namoros e cinemas, porque tinham o sentido do a-propósito.

*

Joana estava só. As amigas acabavam de sair e os pais e o irmão ainda não tinham chegado a casa. A mãe não se demorava com certeza. fora comprar-lhe uma blusa e meias pretas. Nem um beijo lhe dera nesse dia, nem uma palavra de ternura. Não agredia, isso não, sempre era uma vantagem que tinha sobre os outros. Ficava-se hirta e quieta, como que fechada por dentro no seu restrito mundo hermético. Era uma boa esposa, uma boa mãe. As noites que tinha perdido, as noites que continuava a perder sempre que alguém estava doente! Não lhe podiam pedir mais, não lhe pediam mais. O irmão, esse entrava e saía, nunca parava em casa. Rapazes, não é verdade? Agora é que era aproveitar...

Quanto ao pai, chamava a todas as coisas que não fossem inteiramente transparentes, àquelas que lhe parecessem ligeiramente turvas, complicações de gente histérica. E falava sempre com o ar definitivo de quem tudo pode julgar porque tudo sabe.

Filha deles? Irmã do irmão? Quando pensava nisso parecia-lhe ter nascido de si própria, sem laços que a unissem a ninguém. E, no entanto, como esses laços lhe faziam falta! Uma semente vinda sabe-se lá donde e que o vento por acaso ali tivesse largado. Sentia-se longe da família, das suas pequenas ambições, das suas invejas mesquinhas. «Sou o homem de confiança do Rebelo», dizia o irmão. «Vou fazer uma limpeza. O Rebelo, coitado, que é bom homem mas não deve nada à inteligência, tem sido ignobilmente enganado por aquela corja. Agora vai entrar tudo nos eixos, olá se vai. Eles conhecem-me, sabem que corto a direito.» O pai falava do cargo de subchefe que fora dado ao Silva, um incapaz, um analfabeto. «Era um lugar para mim, todos dizem que era um lugar para mim.» O irmão tinha um sorriso superior, que a mãe aplaudia em silêncio: «O pai é um ingénuo. Teve tudo na mão, mas não soube aproveitar a oportunidade. Lembra-se daquela tarde em que descobriu que o Felismino ia à caixa? Não soube aproveitar. Agora é tarde, claro. Por isso eu...»

No seu foro íntimo, Joana tratava-os pelos nomes próprios, respondia-lhes com o seu silêncio, com o livro que lia durante as refeições para não ser obrigada a ouvi-los, para se recusar a ouvi-los. Não os detestava, nem isso, simplesmente eles não a interessavam. Sentia-se longe, sozinha no mundo, sozinha em parte nenhuma. Era tudo.

Ela e o seu pequeno rosto ingrato, de coelho, os seus óculos espessos, de muitas dioptrias, a silhueta pesada e sem graça. Outras tantas grades a isolarem-na do mundo exterior, a taparem a entrada a quem viesse. Mas ninguém vinha. E ela tão só, coitada. Via-se ao espelho, estudava o novo penteado à Farah Diba, experimentava um creme de que se diziam maravilhas no último número da *Elle*. Mas a carinha de coelho era mais forte do que tudo. Estava sempre em primeiro plano.

Depois ele um dia aparecera. Bonito rapaz, simpático em todo o caso. Nunca se lhe pusera o problema de saber se o amava verdadeiramente. Mas havia aquele precisar dos olhos dele a olharem-na, de algumas palavras que nunca ouvira antes e ele lhe dizia, da promessa das suas mãos.

A mãe, quando soubera do namoro, sentira-se preocupada. Dir-se-ia que procurava em volta, sem a achar, a razão - porque alguma devia existir - para aquele homem, o primeiro, se interessar por Joana. O pai limitara-se a dizer, sem levantar os olhos do jornal, que já não era sem tempo, e tinha perguntado logo a seguir, na mesma emissão de voz, se sabia quanto ele ganhava.

Quanto ao irmão, olhara-a com um espanto quase insultuoso e dera-lhe de conselho que o agarrasse bem e fizesse por casar depressa.

De princípio ele queria casar já e tinham mesmo comprado aquela mobília com as economias de ambos. Depois começara a falar numa situação muito vantajosa que lhe tinham oferecido na África. Por fim deixara de se referir a ambas as coisas. Era raro aparecer e telefonava-lhe mais à pressa, tinha sempre um trabalho urgente a fazer, «tu desculpas-me, sim? Amanhã te explico». Não explicava, porque nunca aparecia amanhã, só dias depois e então tinha-se esquecido, era natural, com tanto em que pensar. E até parecia esquisito ela ir-lhe falar de coisas já tão passadas.

Mas, a pouco e pouco, as grades que havia meses tinham caído apareciam de novo à sua volta. Via outra vez coisas perdidas e reencontradas. A sua carinha de coelho, por exemplo, já com trinta anos, o seu corpo desengraçado, ouvia a sua voz a fazer a si própria perguntas a que se recusava a dar resposta. Tinha uma grande vontade de chorar e todas as manhãs pensava, aterrorizada, se seria nesse dia.

Na antevéspera ele telefonara-lhe a dizer aquilo. Joana pedira-lhe que não fosse. Porque não a vinha ver? Tinham tanto em que falar! Havia já quase uma semana que não aparecia. «Uma semana? Pode lá ser! Estás a brincar...» Não estava. Uma semana. «Meu Deus, como o tempo passa!», exclamara ele com convicção. Meu Deus, como o tempo é longo, pensava ela. Como o tempo custa a passar!

Depois, nessa manhã, lera a notícia no jornal. Vinha o retrato dele, um retrato antigo que ela não conhecia. Mas havia tantas coisas que ela não conhecia e tantas pessoas... Pessoas a falar e ela a ouvi-las e a responder, a ter opiniões. Quais? Que teria dito? O seu atual pensamento flutuava levemente numa atmosfera mansa, batia ao de leve as asas, aflorava as coisas. Toda a angústia desaparecera. Já não receava nada, já não ia acordar todas as manhãs a pensar que talvez tudo fosse terminar antes da noite. Sentia essa calma no rosto que não via, nas mãos quietas, na voz que lhe saía direita, quase rígida. A serenidade que ele lhe legara! Apetecia-lhe sorrir mesmo sem estar alegre, sorrir precisamente porque estava triste. Sorrir à mãe quando ela entrasse com os trapos pretos que nunca mais havia de despir, sorrir ao pai, ao irmão, às amigas que tinham acabado de descer a escada, sorrir a toda a gente. Era de súbito outra pessoa. A noiva inconsolável do homem que morrera.

FLORES AO TELEFONE

A mulher pegou no auscultador subitamente vivo, ser-objeto preto e luzidio, às vezes repugnante quando vomitava coisas sujas de que ela não gostava, embora as devorasse, esfomeada, pegou-lhe e disse numa voz ausente, demasiado fria, voluntariamente fria, que estava, sim, que era ela, sim. Do outro lado da linha, muito longe ou muito baixa, outra voz, esta ansiosa, ou receosa, a de Flores. «Posso ir aí? Posso falar consigo? Era uma coisa... De repente, de um momento para o outro...»

A mulher interrompeu a explicação que adivinhava longa e confusa, uma explicação de Flores. Que hoje não, disse. Amanhã, sem dúvida, a qualquer hora, quando quisesse. «Quando quiser, Flores. É domingo mas não tenciono sair, estou um pouco engripada. Mas agora, hoje, é impossível. Tenho um problema a resolver. O Pedro chegou agora mesmo a casa e eu...» A voz disse: «Compreendo, desculpe. Até amanhã, então.» Desligaram e a mulher colocou o auscultador no descanso, voltou-se para o homem. Um incitamento no seu olhar largo. Então? Vamos continuar? Estou aqui para te ouvir, que dizes?

Ele continuou: «É preciso que isto fique claro. De uma vez para sempre. Que não haja mais mal-entendidos. Somos adultos, não é verdade?»

A mulher repetiu: «De uma vez para sempre, sim. Somos adultos, de acordo. Há quanto tempo somos adultos!»

«Tenho estado a fugir a uma explicação, até porque a meu ver... Compreendo no entanto que tu..»

Ela pegou-lhe no primeiro ponto de vista, com precipitação:

«A teu ver?»

«O assunto não merece uma explicação sequer. Melhor, já é tarde para qualquer explicação. Há seis meses, há três meses, seria lógico; agora já não.»

«Tudo merece ser explicado», assegurou ela com firmeza. «Tudo. Sem isso, as coisas ganham um valor que às vezes não têm. E nós pensamos, podemos pensar...»

«O quê?»

«Sei lá! Todas as coisas.» Todas entre o sim e o não, entre a vida e a morte, entre o amor e o ódio. «É necessário localizar a coisa em questão. Conhecer o seu valor. A sua intensidade. A sua possível duração. Estás a compreender?»

A voz do homem era subitamente suave. «Foi uma coisa frágil, acredita. Desde sempre. E já quase não existe. Há um resto dela, um simples resto, asseguro-te. Um vestígio, quero dizer.»

«Não sei se gostava de te acreditar», disse a mulher. «Não sei», repetiu pensativa. «Falas nesses problemas com uma naturalidade que sempre me arrepiou. Nunca tomaste a sério os sentimentos, pois não? Nem os teus nem os dos outros. Um vestígio, dizes tu. Um vestígio como?»

«Um vestígio e mais nada. Um resto. Uma mancha de tinta que não saiu quando lavei as mãos.»

«Por a tinta ser forte ou porque não quiseste lavá-las bem?»

«Porque tinha mais que fazer, talvez.» Olhou-a demoradamente, teve o seu branco sorriso irresistível: «Sempre tomei a sério a minha vida contigo, o meu amor por ti. O resto são acontecimentos, sem importância. Vêm e vão. Não estão, compreendes? Estar, só tu.»

«Devo habituar-me a esse vaivém lateral? Achas bem que me habitue a ele? Serei capaz, mesmo que queira?», perguntou ela de olhos brilhantes e boca apertada.

O homem passou-lhe o braço pelos ombros, puxou-a para si. «Nunca mais haverá outras pessoas», afirmou com uma convicção que ela já conhecia. «Nunca mais, acredita. E amanhã mesmo lavarei melhor as mãos. Com pedra-pomes.»

Ela encostou-lhe a cabeça ao peito e sentiu-se feliz uma vez mais, a terceira desde que estavam casados. E então olhou para o telefone e lembrou-se de Flores. «O que quereria a Flores, coitada? Achas que ligue lá para casa?»

O homem olhou para o relógio. «Não, não, deixa a Flores em paz. Temos que conversar mais um pouco. Tenho estado a pensar... Que tal se aproveitássemos este ano as férias para ir à Madeira?»

Ela riu alegremente. Era um sonho antigo em que gostava de pensar, embora soubesse que nunca se realizaria.

Quando o telefone começou a tocar, a mulher mais nova acabava de se levantar bruscamente e de dizer à irmã que ia sair porque estava até aqui, e colocara a mão um palmo acima da cabeça, em posição horizontal. Preparava-se para dizer mais coisas mas a campainha interrompera-a e ambas hesitaram, sem saber qual daria o primeiro passo, abandonando o problema sair-ficar, a fim de atender quem falava. Foi a irmã mais velha quem cedeu, como sempre, e deixou o seu lugar à mesa, porque a outra se recusava visivelmente a estender o braço direito e a pegar no aparelho. «Vou sair, vou sair agora mesmo», dizia pela segunda ou pela terceira vez. «Estou farta. FAR-TA!»

A mulher toda de negro, com a pele de um branco doentio, disse então: «Está lá?» E logo a seguir: «Ah, és tu? Que é feito de ti? Ao tempo que não apareces...» A outra sorriu porque na última frase havia uma censura muito nítida embora discreta. Não apareceste no funeral... Não apareceste na missa... Não mandaste pêsames... Tudo aquilo, no entanto, era dito numa entonação desinteressada, apressada talvez, a entonação de quem já não está onde estava agora mesmo, por falta absoluta de tempo e de interesse em permanecer. De longe a voz de Flores. «Vou indo. Pouco bem. Não propriamente doem mas... Desculpa não ter dito nada, mas só soube dias depois. Não tenho lido jornais. Há mais de dois meses que não pego num jornal, sabes? Sofreu muito?» «Muito.» «Ah.» Calaram-se ambas, depois Flores rompeu o silêncio. «Posso ir aí?», perguntou. «Precisava *muito* de falar contigo.» A mulher disse: «Estou cheia de trabalho não calculas. Primeiro fiquei exausta. Agora eu e a minha irmã estamos aqui aflitas à volta dos cartões de agradecimento. Faz amanhã um mês que ele morreu, compreendes? Tenho andado a tratar da papelada necessária, estes problemas burocráticos, não calculas... Hoje...» A voz disse surdamente: «Ah, sim, claro, a burocracia. E cartões, compreendo. Para outra vez será então.» Ela concordou. «Sim, sim, outra vez. Quando te convier.»

Desligou, disse: «Era a Flores. Queria aparecer. As pessoas são incríveis. Queria aparecer mas não era para nos dar os sentimentos, não. Precisava *muito* de falar comigo. Foi isto que disse.»

«Eu percebi», assegurou a outra com ar ainda zangado. «E ouvi também o que lhe respondeste: Que não aparecesse, que estavas a fazer os cartões.»

«Estávamos.»

«Ou isso», concordou encolhendo os ombros. «Por mim... A verdade é que vou sair, não posso mais. Estou farta, farta, farta de agradecer sensibilizada, reconhecida, muito grata. Este ritual da morte em que mergulhaste com paixão, alguma vez havia de ser!»

«O que queres dizer com isso?»

«Oh, nada, nada. Falei por falar, como sempre.»

A outra sorriu com boa vontade, como quem se dirige a uma criança. «Mas é indispensável, não compreendes?»

«Indispensável porquê?»

«Os outros...»

Tinha falado baixo mas a irmã apanhou no ar aquelas duas palavras. Abriu os braços, soltou um «ah» entusiástico. Quase entusiástico. «Os outros! Lá chegámos, mana. O que te preocupaste sempre com eles! Não quiseste casar com o neto do ferreiro nem com o filho daquela mulher de quem se dizia... O que pensariam eles, os outros, mana! O papá coronel, estás a ver... Reformado, claro, mas coronel... Foste admirável, sim, sim, admirável. O pior é que não há ninguém para te admirar. NINGUÉM! Desconhecem as razões das atitudes que tomaste... Não é pena?»

«Cala-te!»

«Porque me hei de calar? Para não interromper o teu trabalho? Minha querida, enquanto as pessoas estão vivas, tudo. Agora...»

«Cada um pensa de sua maneira.»

«E tu pensas como a maioria. É contigo.»

«É um trabalho desagradável que tem de ser feito.»

«Porquê?»

«Todos o fazem, bem sabes. Ficavam ofendidos.»

«Grande pena.» Foi até ao quarto, voltou com um casaco de malha pelos ombros e uma mala na mão. «Até logo», disse.

«Aonde vais?», perguntou a irmã numa voz suplicante.

A outra parou, encarou-a. «Se te interessa muito saber, posso dizer-to. Mas não te aconselho tanto interesse. Vais criar problemas pelas tuas próprias mãos, vais levar o resto da vida a procurar uma censura no olhar dos outros. Não, não queiras saber aonde vou. É comigo, de resto. Sou maior...»

Ela não quis saber. Logo que a porta bateu voltou à sua negra correspondência.

«O senhor doutor está?», perguntou Flores, e agora a sua voz já não era ansiosa. Com o correr dos minutos havia-se tornado mais suave, mais serena, quase conformada. Na pergunta havia aparentemente a simples curiosidade de saber se o senhor doutor estava, como uma cliente que se sente levemente indisposta e quer marcar hora.

A empregada perguntou isso mesmo: «É uma primeira consulta?»

«Bem, não se trata propriamente disso. Era para falar com o senhor doutor. Era... urgente. Não venho tirar-lhe muito tempo.»

A voz tornou-se mais áspera, decidida. «Eu vou ver, vou perguntar, mas o senhor doutor está com um doente e há mais seis pessoas à espera. Não sei se poderá atendê-la. Quer dizer o seu nome?»

Ela murmurou com simplicidade: «Flores.»

A outra não compreendeu bem: «Disse Flores?»

«Flores. Ele sabe. O senhor doutor sabe.»

«Muito bem. Um momento.»

Tirou uma cavilha, meteu outra. «Senhor doutor?»

«Sim?»

O médico pediu desculpa ao doente, prestou atenção. «Que se passa?»

«Está ao telefone uma senhora...»

«Já lhe expliquei que...»

«Chama-se Flores. Disse que o senhor doutor a conhecia. Que era urgente.»

Ele hesitou. «Bem...» Depois perguntou à empregada: «Quantos doentes estão na sala?»

«Seis, senhor doutor.»

«Diga a essa senhora que me fale amanhã. Ou que passe por cá se quiser. Hoje é impossível atendê-la. Mas não se esqueça: que venha cá amanhã, que a espero. Às cinco horas. Não, às seis é melhor.»

Desligou, pediu desculpa ao cliente, um velho gordo, amarelento ou acinzentado que devia ter um mês de vida. Flores tinha sido alguém, em dada altura, na existência daquele homem. Importante, embora não durante muito tempo. Duas linhas convergentes haviam-se tocado num breve encontro de dois anos, depois seguido os seus caminhos respetivos, cada vez mais afastadas uma da outra a caminho do infinito pessoal de cada uma delas. Aquele nome, Flores, acordou nele a imagem de uma mulher complicada, melancólica ou excessivamente alegre, uma mulher que chorava e ria, que às vezes bebia demasiado. Que era boa rapariga. Quando desligou, porém, e olhou o velho, na sua frente, sentiu um certo pesar. Que queria ela? Havia anos que não o procurava, era decerto qualquer coisa importante.

Urgente, tinha dito. Estaria doente? Talvez precisasse de dinheiro. Talvez se sentisse de repente só, como dantes lhe acontecia. Enfim, amanhã veria o que se passava. Agora não havia nada a fazer.

«Não há nada a fazer», pensou ela também, no seu quarto, ajuizadamente sentada na borda da cama. «Nada. Não há também ninguém.» Tinha apontado três números de telefone num pedacinho de papel: o de uma colega de trabalho que sempre se mostrara simpática, o da sua melhor amiga, o do homem com quem fora casada. Ia gritar por socorro mas ninguém lhe dera tempo de o fazer. Tinham um marido, cartas a escrever, doentes. Era normal. Pensava em tudo aquilo com serenidade enquanto ia despejando na palma da mão - trémula apesar de tudo - o frasco dos comprimidos. Eram azuis, pequeninos como as contas de um colar que tivera em menina, e prometiam o esquecimento.

A FLORESTA EM SUA CASA

Pintava as lindas cores como um velho artista do passado, que se chamava Douanier Rousseau; simplesmente, os seus bichos não eram ingênuos nem agressivos, mas perigosos. Não terríveis, não assustadores: perigosos, embora um pouco engraçados também. Espreitavam ou estavam alerta ou resfolegavam ao de leve (era como se resfolegassem) ao preparar o salto. Havia sempre folhagem a dissimulá-los, a mantê-los numa quase ilegalidade graciosa, bonitas flores bojudas, de carne rosada, a tornar por assim dizer impossível, a ridicularizar, a sua ferocidade.

Não se via o tigre a atacar o búfalo, mordendo-o já, começando a dilacerá-lo. Não. O tigre, quando tigre havia, estava meio escondido por uma das tais flores, maior do que a sua cabeça. E sentia-se que ele já avistara a presa, que a espiava, que só estava à espera da altura mais conveniente, para agir. Era um jovem leão ágil, esse a que o pintor dava os últimos retoques. Um jovem leão já sabedor, a olhar bem de frente para quem o olhava. Tinha uma grande juba redonda e escura de que só se via metade, e um corpo amarelado que à primeira vista parecia exíguo. Exíguo porque atrás de si havia um tronco de árvore em cuja largura caberiam sete leões e que servia de pano de fundo a uma amálgama de lianas, de longas folhas gordas, carnosas, de arbustos que se erguiam do chão ou que tombavam de cima, em cascata. A juba estava semiescondida por uma dessas folhas, grande e lobada, quase vermelha, quase animal.

«Era assim a floresta?» perguntavam com um arrepio breve e muita admiração as pessoas que visitavam o atelier do pintor. Ele abria os braços, punha-se a rir. Como havia de saber? Há séculos que os desertos e as grandes florestas e os densos bosques pintalgados de sol tinham desaparecido da face de um pequeno mundo superpovoado, porque a terra era pouca para edificar e para cultivar. Por isso se cultivavam também os oceanos. Nas antigas florestas da Amazónia havia deslumbrantes cidades de vidro, aeroportos imensos, belas autoestradas. O mesmo nas de África e da Ásia, o mesmo nas do resto do mundo. E os animais, os poucos que tinham sobrevivido ao arrancar das raízes, encontravam-se em três ou quatro pequenos jardins de aclimação.

Aquelas estranhas florestas eram, no entanto, as que ele imaginava. Velhas, luxuriantes florestas de há séculos, com uma vida que vinha do princípio das coisas. Florestas com túrgidas flores que nasciam, cresciam e morriam em poucas horas, que, por assim dizer, renasciam e onde o perigo espreitava por detrás de cada folha.

Os seus quadros eram muito procurados porque eram decorativos, tinham belas cores e nunca acabavam de ser vistos. Ali, estava o leão, mas, olhando melhor, procurando, avistavam-se as três corças, todas encolhidas, como que receosas, a cobra a rastejar, e mais além, confundindo-se com as lianas, a aranha carangueja.

Havia também ângulos dos quais se podiam ver animaizinhos escondidos, aqui e além. Um, dois, cinco, mais?

Era um herdeiro de Rousseau e um charadista. Mas as charadas tinham desaparecido com os almanaques. Um pintor portanto original, criador, muito apreciado. «Tenha a floresta em casa» era o seu slogan publicitário. E as pessoas gostavam de ter em casa um pedaço dessa floresta, era refrescante. A maioria delas nunca tinha visto um leão nem um tigre a não ser nos livros de zoologia, porque os jardins onde havia animais eram poucos e os próprios animais tendiam a desaparecer, como se o mundo atual já não lhes pertencesse. As fêmeas procriavam com dificuldade, algumas espécies estavam praticamente extintas, outras tinham mesmo desaparecido por completo. Assim, já não havia elefantes, nem ursos nem leopardos.

O casal que comprou ao pintor a sua última grande tela, a do leão, tinha dois filhos pequenos, um de cinco, outro de sete anos, e as crianças andaram semanas de volta do quadro, até que lhe descobriram todos os segredos, os bichos semiescondidos, espreitadores, prestes a devorar ou prestes a ser devorados. Era um jogo apaixonante.

«Ainda há mais», dizia um. «Aposto que não», respondia o outro. E em primeiro plano, fitando-os com serenidade um pouco trocista, o leão da juba redonda, grandes, plácidos olhos amarelos, corpo inquieto. As crianças ouviram dizer que no jornal viera a notícia da morte, no jardim de Choa, junto ao Nilo Azul, do último leão do mundo. E isso pareceu-lhes apaixonante, era como se estivessem, também eles, à beira de um precipício e lá embaixo fosse a outra era, aquela em que não haveria leões.

«Nós temos leão», disse o mais pequeno quando estavam deitados e de luz apagada. «É de pano pintado.» «O resto é de pano pintado. Ele não.» «És parvo.» «Os olhos dele são olhos a sério. É um leão. E deve ter fome," Sentou-se na cama. «O que comerá um leão?» «Não é fácil alimentar um leão», disse o mais velho com paciência. «Não é nada fácil». «Não deve ser. O que comem os leões?» «Não sei. Talvez outros animais, os mais saborosos. Gente, quando têm muita fome. Agora vou dormir, tenho sono.» No dia seguinte continuaram a sua ronda entusiástica em volta do quadro. E o mais velho estacou de repente: «Gilles!» chamou em voz baixa; «Quantas são as corças?» «Três», respondeu Gilles sem hesitar. «Também me parecia», declarou com fingido à-vontade. «Também me parecia que elas eram três. Mas hoje, agora são duas!» «Não pode ser!»

Podia. O coração de Gilles batia com intensidade. «Vamos dizer à mãe? Vamos já dizer à mãe?» «Não», disse o mais velho. «Não. É um segredo. Jura que não contas a ninguém. É um segredo, ouviste? Como... descobrir um tesouro. Anda, jura.» «É um segredo. Juro que não conto a ninguém». «Pronto». Gilles levou o dia a passear diante do quadro, e o velho leão a fitá-lo com os seus tranquilos olhos amarelos. Alex, o irmão mais velho, parecia haver-se desinteressado e olhava os carros que passavam pela estrada, a poucos metros. Olhava-os como quem sonha. Como quem pensa. Como quem procura?

No dia seguinte só havia uma corça e no outro algumas folhas haviam preenchido o lugar, lá longe, onde elas tinham estado, quase escondidas, mas não totalmente, pelo enorme tronco da árvore. Durante dois dias não houve modificação; o jovem rei digeriria. Mas depois desapareceu um pequeno macaco risonho. Restavam a cobra e a aranha. O leão parecia não se decidir.

«Olha para ele, Alex». «O que tem?» «Os olhos dele. Não sei. Tenho medo». «Medo de quê? És parvo. És um miúdo, é o que tu és. Medo de quê?» De quê? Não sabia. Mas medo. Queria ir deitar-se, não olhar mais para os olhos amarelos, tão brilhantes, não sentir mais o peso daquele segredo. Na manhã seguinte a mãe sacudi-o com força: «O Alex? Onde está o Alex?» Sabia lá! Mas levantou-se porque todos procuravam, faziam muito barulho, a mãe chorava, o pai dava gritos, ameaçava toda a gente, nunca o tinha visto assim, parecia doido. E ele soube então - e viu - que a roupa da cama do irmão estava dilacerada, como se a tivessem cortado à navalha, e

que havia sangue pelo chão. A polícia dentro de casa. Dois vagabundos presos e nesse mesmo dia confessavam o crime, ou melhor, não tinham reagido bem ao detector de mentiras. Culpados. Condenados decerto a prisão perpétua. «Jura que não contas a ninguém, é um segredo, ouviste? Como descobrir um tesouro. Anda, jura.» «É um segredo. Juro que não conto a ninguém».

Uma noite, a mãe. E então o pai preso, os vagabundos libertos. O detector funcionara mal, todas as máquinas podem avariar-se, não é assim? Era estranho, mas Gilles ficou contente por o pai ter sido preso. E por os tios terem chegado, todos de luto, a fim de tomarem conta dele, pobre menino de cinco anos só no mundo. Fecharam portas e janelas, e levaram a chave e Gilles também, para uma cidade distante onde tinham uma casa modesta, sem quadros. Quiseram que o menino esquecesse o passado; ele, porém, recusou-se a isso. Terminantemente. Era, de resto, uma recordação tão estranha que, com o decorrer dos anos e as palavras da tia, acabou por a julgar um sonho mau mas apaixonante.

Muito tempo depois, já homem, já casado, voltou ali. Meteu a velha chave na fechadura, abriu a porta que o tempo emperrara. Um cheiro estranho a bafio. Seria mesmo a bafio? Entrou devagar, foi entrando, e a primeira porta que abriu foi a da sala e a primeira coisa que olhou foi a tela. Lá estava o leão com o seu ar caricatural e perigoso, e as corças e o macaco, e Gilles teve então de acreditar na tia que durante anos e anos lhe dissera que ele fora uma criança demasiado imaginativa. O pai tinha simplesmente enlouquecido e morto primeiro Alex, depois a mãe. Os corpos, assegurava ela, tinham sido encontrados mais tarde num barranco. Agora Gilles, ali em frente da tela, já não tinha razão para duvidar da tia nem dos médicos que haviam internado seu pai no manicómio. Mas sentia-se profundamente decepcionado e arrependido de ter vindo.

UMA ÁRVORE E RELVA VERDE

A mãe entrou, deixou-se cair no sofá e declarou: «Consegui. Consegui quer acredites quer não.» Tinha um ar de cansaço feliz.

Júlia não sabia de que se tratava (nunca o soubera ou já o tinha esquecido), mas conhecia bem a mãe, por isso lhe pediu que descansasse um pouco antes de falar, tinham tempo. «É que estás exausta, por onde andaste a vagabundear? Parece-me que vejo o teu coração aos pulos, será verdade? Havia um aparelho na física, como diabo se chamava...?»

«Não me lembro de aparelho nenhum», disse a mãe. «O meu coração está bem, obrigada. E eu também. Nunca estive mesmo tão bem, se queres saber. Sinto-me... leve.»

«Já voltaste ao médico, claro?»

A mãe tirou o casaco, suspirou. «Meu Deus, que aborrecida és com o médico. Descansa, já marquei consulta para de hoje a oito dias às cinco horas. Fui lá há duas semanas, fiz análises, que queres mais?»

«Só de hoje a oito dias, mãe?»

«Não me sinto a morrer», declarou, ofendida.

«Claro que não», acudiu Júlia. «Quem pensa uma coisa dessas? Mas precisas de te tratar. Andas com mau aspecto. *Eu*, quando estou doente, vou ao médico, compro os remédios, tomo-os.»

A mãe encolheu os ombros. «Bem sabes que nunca fui grande entusiasta nem de uma coisa nem de outra. Das poucas vezes que consultei médicos, fiquei doente a sério.»

«Já estavas, mãe.»

«Estaria?»

Júlia sorriu ao de leve. Era assim, a mãe. Infantil, um tanto louca, mesmo agora que tinha cinquenta e muitos anos. A mãe pródiga. Junto dela sentira-se sempre um pouco velha ou, pelo menos, tremendamente ajuizada, criteriosa, tipo mestra de meninos eficiente, embora os meninos fossem fazendo o que queriam e lhes sobejasse tempo. Agora contavam-lhe de olhos brilhantes e cheios de entusiasmo o seu último passo para a descoberta do tesouro dos piratas.

«É um encanto, não calculas. Aquilo com que sempre sonhei. Um pouco de relva e uma árvore que dá muita sombra. Um grande círculo de sombra.»

«Que árvore é?»

«Sei lá. Uma árvore daquelas entroncadas com uma espécie de cabelos verdes, caídos. Talvez seja um chorão, não sei ao certo, nunca conheci bem as árvores. Ou melhor, conheci mas esqueci-as. Em criança...»

A filha interrompeu-a. Sabia que ela iria falar-lhe da sua infância maravilhosa numa quinta-paráiso e do facto de ter sido transplantada aos dez anos para a cidade. Sabia-o porque aquele era um dos assuntos prediletos da mãe.

«Assim não nos entendemos, conta lá do princípio. Relva, uma árvore, sombra, e que mais?»

«A casa, claro. Ou querias que fosse dormir ao relento? Nunca na minha vida fiz campismo, gosto das minhas comodidades. Um encanto de casa. Rés do chão e primeiro andar mas cinco divisões ao todo: para que quero eu mais?»

«Uma casa de bonecas.»

«Nunca tive uma casa de bonecas.»

«Eu também não.»

«Decerto», concedeu. «Mas talvez não te tenha feito falta. Claro que quem diz uma casa de bonecas...» Estava sonhadora. «Nunca tive tanta coisa. E sabes que não sou muito ambiciosa, mas, aí está, as coisas importantes sempre me fugiram. Quando era nova...»

«Deixa isso.»

«Sim, tens razão. Desculpa. Só queria que compreendesses... É que sempre sonhei com uma casa assim e que tivesse à frente três metros de relva e uma árvore para dar sombra. Tu nasceste na cidade, não compreendes. Achas natural viver nesta gaiola, não é verdade?», perguntou olhando em redor.

«Acho, sim, mãe.»

«Sempre ambicionei um pouco de chão meu. Isto é uma fatia de ar que tu alugas, já pensaste?»

«E depois, mãe? Todos fazem o mesmo.»

«Uma árvore é um ser vivo. Cheira e fala quando o vento lhe bate. É... alguém.»

«Queres que eu vá contigo?», perguntou Júlia.

«Aonde?»

«Ver a casa.»

A mãe baixou os olhos, observou atentamente uma unha cor de coral. «Bem, já a comprei de certo modo. Não totalmente. Dei uma parte do dinheiro. Fiquei... apaixonada. Nunca te apaixonaste por uma coisa?»

«Por uma árvore nunca. Nem por uma casa. Apaixonei-me por um homem.»

A mãe cruzou a perna, suspirou. «Claro, claro, um homem. As coisas são mais estáveis. Então para ti... Devias gostar de coisas. São... tranquilas. Só um homem e tens trinta e cinco anos.»

«Só um e tenho trinta e cinco anos. Deves pensar...»

«O quê?»

«Não sei. Pouco mulher, talvez. Pouco imaginativa. Pouco rica de amor. Fiel como uma cadela.»

Não respondeu, sorria vagamente. «Um homem que te tem feito sofrer.»

«Se não triunfou na vida, não é culpa sua.»

«Claro, claro», disse sem convicção, e estava muito pálida.

«Não te sentes bem?», perguntou Júlia.

«Por que não havia de me sentir bem? Ah, ainda estás a pensar no mesmo. Que importância pode ter um pouco de sangue? Até me senti, se queres crer, rejuvenescida.»

A filha suspirou cuidadosamente, para não se tornar notada.

«Pagas então o resto em mensalidades?», perguntou para mudar de assunto.

«Em mensalidades, sim. Uma renda, só um pouco mais cara, durante vinte anos.»

«Quando te mudas?», disse Júlia com precipitação.

«Não sei ainda. Estou na fase do namoro. Tenciono ir vê-la todos os dias, cheirá-la, tocar-lhe com as pontas dos dedos. Há uma série de problemas, querida. Abrir a água, ligar a eletricidade, mudar o telefone. Não sei viver sem telefone.»

«Vais então realizar o teu sonho.»

«Uma casa pequena, um pouco de relva, uma árvore. Era um sonho ambicioso?»

«Bem, visto por um lado não direi que fosse ambicioso. Por outro... Se queres que te diga, acho-o um sonho que pouca gente realiza. Os que o realizam é porque nunca sonharam com tal coisa. Saiu-lhes na lotaria em que não jogaram. Eu a ti mudava-me já.»

«Achas? Sem eletricidade... sem...»
«Sem nada. Compra um petromax e uns garrações de água do Luso.»
«Mas o telefone...»
«Não penses nisso. Com o teu sonho realizado, para que hás de falar com gente deste mundo?» Bateu-lhe ao de leve nas mãos e disse: «Queres chá ou preferes um refresco?»
«Qualquer coisa. Ando sem apetite.»
Júlia chamou a criada, pediu-lhe chá e torradas. Depois, quando ficaram de novo sós, perguntou com à-vontade exagerado:
«O teu marido?»
«Está radiante com a ideia.»
«Não é isso. Preocupa-se contigo? Pelo menos vai contigo ao médico?»
A mãe acendeu um cigarro. «*Pelo menos!* Porque hás tu de detestar o pobre homem?»
«Mas eu não o detesto, mãe. E se tu és feliz com ele...»
«Sou feliz. Só lamento tê-lo encontrado tão tarde.»
«Ainda bem que és feliz. Sempre receei que... fingisses.»
Ela disse «Eu?» mas calou-se porque a criada entrou com o tabuleiro. Comeram em silêncio. Depois a mãe encostou-se um pouco, semicerrrou os olhos, parecia de novo muito cansada.
«Estás magra, mãe. E pálida.»
«Na minha idade devo cuidar da linha.»
«Achas que sim?»
«Com certeza. Às vezes, quando estamos a conversar, penso que és minha mãe, Júlia. Não é incrível?»
«Incrível? Senti-me sempre tua mãe.»
«Sentiste, na verdade?»
«Sempre.»
Sempre. Mesmo na altura em que, aos quinze anos, descobrira que ela tinha um amante e se sentira na obrigação de a defender, se necessário fosse. «Onde está a tua mãe?», dizia o pai. E ela: «Foi ao dentista com certeza. Queixou-se pela manhã de dores de dentes. Suponho que tenha ido ao dentista.»
A mãe-louca, a mãe rapariguinha desvairada, a mãe em busca de sonhos aqui e além.
Agora ia mudar-se para uma casa com relva e uma árvore bem verdes. Teria tempo? Júlia levantou-se, foi beijá-la na testa coberta de um *pan-cake* espesso que lhe atenuava um pouco as rugas. A mãe riu-se:
«Que te deu?»
Encolheu os ombros. «Nada. Vontade de te beijar.» Sim, vontade de a beijar, a ela, ainda carne, embora um pouco fria, um pouco mole. Já não teria muito tempo e sabia-o bem.

A AVÓ CÂNDIDA

Era um daqueles dias em que tudo lhe corria mal. Um dia azedo, inútil, irritante, a ter de viver (era tão aborrecido ter de viver por força dias assim, não poder fechá-los, pô-los de parte como se faz aos livros sem interesse!) O tempo estendia-se, de vez em quando parecia hesitar, parar um pouco no relógio de pulso de Clara e ela sacudia-o muito enervada.

«Quem me dera hibernar como um bicho», pensou.

Pendurar-se pelos pés ou enrolar-se em si mesma (enrolar-se era mais cómodo) e esquecer tudo e acordar uns meses mais velha. Acordar velha seria o ideal. Não um pouco velha com alguns cabelos brancos e rugas a ter que disfarçar com cremes apropriados e *fonds de teint* muito espessos. Não. O que ela gostaria era de acordar totalmente velha, velha como a avó Cândida, velha sem remissão. Que boa coisa poder finalmente ser ela, natural mesmo por pouco tempo, sem mentira. Não se fazer mais velha como dantes nem mais nova como lhe acontecia agora, nem mostrar-

se mais inteligente nem mais estúpida conforme falava com este ou com aquele, nem fingir que gostava nem que deixara de gostar.

Talvez os velhos e as crianças fossem mais autênticos por estarem mais perto do nada... Os que partem e os que chegam... Os que chegam. Bolas! Lá escrevera aquilo no anúncio do leite Vitória que é a vitória do leite em pó. Outra folha rasgada porque o patrão não gostava de rasuras. Tinha sido assim desde manhã. A primeira coisa saíra-lhe torta (rasgara a blusa nova, a de nylon, ao vestir-se) e ali se pusera ela a caminhar para outros desastres, e, o que era pior que tudo, consciente de caminhar para eles. Dobrara a perna com mais força e pronto, as meias estavam estragadas e ela sem dinheiro para comprar outras. Onde o fim do mês ainda vinha!

Havia também o salto do sapato, do par de ver a Deus que só calçava quando saía à noite ou quando ia a casa da família, diante de quem gostava de aparentar uma relativa prosperidade, e que com a pressa, para não chegar tarde ao escritório, tinha enfiado entre as tabuinhas do eléctrico, aquelas tabuinhas detestáveis, mesmo feitas para prender saltos de sapatos, e que ficara quase arrancado, a baloiçar um de cá para lá. Havia isso e por detrás de tudo um homem de quem gostava e que se ia casar. Mas ela não queria pensar nisso. Que ganhava em pensar em tal coisa? O cesto já estava cheio de papéis porque toda a manhã e toda a tarde tinha acumulado erros sobre erros. Apetecia-lhe partir a máquina, partir a mesa, partir os olhos muito escuros, atrevidos, melosos, da Alda que de vez em quando se erguiam para ela a entornarem amor não correspondido e a sentirem muitíssimo. «Então, Clara! Oh querida, como estás enervada, que te aconteceu?» E aquele s sempre a vir em lugar do a. Lisbos, qual Lisbos! Ainda se fosse Lesbos! Lesbos tinha uma certa graça! Graça para ela, naturalmente, que tinha a especialidade de achar engraçadas coisas de que ninguém se ria, graça para ela mas não para o senhor Paiva que não gostava que lhe estragassem papel nem tempo. Porque ele tinha comprado tudo, era tudo dele, o tempo e o papel. «Mas que lhe aconteceu hoje, D. Clara?

Não se sente bem?» O tom não era propriamente atencioso mas de desgosto e de reprovação, de nítida reprovação. «Creio que estou um pouco cansada, senhor Paiva. Se não lhe faz muito transtorno, vou para casa.» E a Alda tão aflita: «O Clara, tem cuidado contigo!» Nem lhe tinha dado resposta.

Agora eram quatro horas e caminhava pela rua fora. Estava frio, mas ela não o sentia. Não sentia coisa nenhuma, a não ser as malhas da meia direita a escorrerem-lhe pela perna abaixo e também o salto que de vez em quando a fazia tropeçar. Estava num dos seus dias negros. Sozinha. «Es tu que o queres, não é verdade?», dissera-lhe a mãe um dia. «O remédio está na tua mão. Bem sabes que cá em casa há sempre um lugar para ti. Por que não voltas, Clara?»

Mas ela não queria regressar a casa dos pais. Tinha o seu lar, que não era bem um lar porque vivia sozinha dentro dele mas a que se havia acostumado, tinha a vida que escolhera - tê-la-ia de facto escolhido? - uma vida livre, de mulher só. Já não saberia viver com os pais, com refeições a horas, visitas a quem teria de aparecer, a televisão à noite para não morrer de tédio. Perguntava às vezes a si própria se já saberia viver com alguém, de habituada que estava a não dar contas dos seus atos, a fazer sempre, sempre, aquilo que lhe apetecia fazer. Sempre?

E aquele homem que se ia casar daí a três dias? Estava ainda a ouvi-lo. «Clara, tenho de te dizer uma coisa e não sei como hei-de começar...» Ela perguntara: «Vais-te casar, não é?» e tinha-o feito por uma intuição de momento, sem acreditar nas próprias palavras, mas de súbito pusera-se a ter medo daquilo que ia ouvir porque ele não se rira. Tinha falado, falado, mas Clara não o ouvira. O quarto deixara de repente de existir e também o homem que falava, e só ela continuava ali. Só ela. Mas sentia-se vazia e incapaz de articular um som. Das outras vezes fora diferente. Das outras vezes tinha sido ela a pôr a palavra fim ao fundo da última página, e mesmo das outras vezes aquilo nunca tinha acontecido por amor.

Por estar só quase sempre. Por ter frio. Não fora por isso difícil, nem doloroso nem inesperado, avistar o fundo do copo. As vezes isso até lhe trazia uma certa calma. A bebida estava-se a acabar, era tudo.

Mas a vida continuava. Agora também, naturalmente, mas ia ser outra vida. Uma existência vazia, onde ele não estava e onde ele, Clara sabia-o bem, nunca mais deixaria de estar. Mas não queria pensar nele. Por que se agarrava ele aos seus pensamentos?

Por que vinha em todos?

Tomou o autocarro nos Restauradores e teve de subir para o primeiro andar porque havia muita gente. Ela não gostava de ir lá para cima; tinha medo de descer as escadas em andamento, enervava-se, tropeçava quase sempre, havia quase sempre ou outro cavalheiro amável, já idoso, que a segurava e ela não sabia muito bem se havia de lhe agradecer ou de se zangar ou até de lhe dar uma bofetada, porque não achava necessário que a agarrassem no peito nem na saia. Mas nessa tarde não havia ao fundo da escada nenhum senhor de idade, e ela teve pena de que não fosse assim porque quem lá estava era o primeiro de todos, aquele que a levava a fugir da casa dos pais, aquele em quem tinha acreditado a ponto de casar com ele. Acreditado nele e em si, mas tudo por culpa dele, porque lhe dissera tantas coisas que ela julgara que de facto o amava e que lhe podia encostar todos os seus medos e todas as suas incertezas e que na sua companhia nunca mais se sentiria só. E já lá iam tantos anos e ele agora estava ali e nem mesmo a viu porque saltou com o carro em andamento como era seu costume.

Clara ainda abriu a boca, ainda quis chamá-lo, mas ele já ia longe, não poderia ouvi-la. E depois, chamá-lo para quê? Era sempre tão triste voltar atrás, tão desconsolador...

Outra malha. Decididamente tinha de aproveitar a visita à avó Cândida para lhe pedir dinheiro emprestado. A avó servia-se sempre desses pedidos para lhe pregar um pouco de moral, antes de lhe passar o dinheiro para a mão, naturalmente. «Disseram-me que levas uma vida contra a lei de Deus!»

- «O que é uma vida contra a lei de Deus, avó?»

- «Viram-te a fu-ma-a-ar à mesa numa pastelaria, da Bénard. Estavas com um homem. Depois, daí a pouco tempo encontraram-te na rua com outro. Que dizes a isto?» A avó fulminava-a com o seu grande olhar muito apoiado, transparente apesar dos oitenta anos. «Clara, que dizes a isto?» O que havia ela de responder? Que a seguir a uma desilusão tinha vindo outra? Não, nem mesmo o romantismo e as bonitas palavras podiam convencer a avó Cândida, tão antiga e tão puritana. Mentia-lhe, era a única maneira. «Que ideia a sua, avó. Lá por eu ter feito aquele disparate! Era muito nova, sabe? Oh avó, até me ofende! Eram com certeza colegas meus, lá do escritório. Confesso que já nem me lembro quem eles eram, mas tenho ideia de que estive de facto na Bénard... Ah, já sei!, com o Chico, era o Chico, um rapaz inofensivo, coitado. Até dizem que é homossexual». A avó quase se levantara da cadeira, a sua voz varrera a sala: «Menina!» - «Desculpe, avó».

Quando tocou à campainha sentiu logo os passos da Gertrudes pelo corredor fora. «Como está a se-hora?» A rapariga disse baixo: «Assim, assim, menina. Não está grande coisa. Veio cá ontem o médico. Sempre o mesmo, diz ele, o coração que não regula. Deu-lhe um remédio e passou a noite sossegada. Mas acordou a dizer que morria depressa e meteu-se no escritório a rasgar papéis. Está lá dentro há que vidas.»

Clara entreabriu a porta do escritório e disse:

«Posso entrar?» Mas viu logo que a avó Cândida tinha adormecido. A sua grande cabeça branca, de caracóis sedosos, leves, esvoaçantes, estava deitada sobre a secretária, em cima do braço esquerdo, tão gordo que mal se podia dobrar. Uma gaveta tinha ficado aberta e ao lado estava o cesto com alguns papéis amarrotados e rasgados. Clara avançou em bicos de pés e foi sentar-se no velho fauteuil de franjas. Lembrava-se de que a avó, quando ela era pequena e ia lá a casa passar a tarde, a

atava com uma linha ao pé daquele fauteuil para a não deixar fazer maldades. E ela ficava muito quieta. Pensou de súbito que gostaria de saber se não se mexia por ser uma criança obediente, por ter medo da avó ou por julgar que não seria capaz de rebentar a linha.

Havia de lhe perguntar quando ela acordasse. Olhou para o relógio. Quase cinco e meia, a avó ferrada no sono e ela sem poder ir-se embora porque precisava do dinheiro para as meias e para o conserto do sapato. Tinha de esperar, claro. Acordá-la era arriscado. A avó sempre tivera o acordar rabujento.

Não se ensaiava nada para lhe dizer terminantemente que não, antes mesmo de ouvir todas as suas explicações. «Nem penses nisso. Tenho tido muitas despesas nestes últimos tempos. Contribuições, obras, sei lá! Escusas de contar comigo». Já não era a primeira vez que isso acontecia.

Levantou-se e foi espreitar a pequena aguarela que lhe tinha trazido de Paris como recordação e que ela pendurara na parede porque a achara linda.

«Mas como diabo arranjas tu dinheiro para ir a Paris?», tinha-lhe perguntado no dia em que viera despedir-se. «Andas sempre sem um chave e agora vais a Paris... Saiu-te a sorte grande, Clara?» Ela metera os pés pelas mãos, falara numa excursão muito barata, «incrivelmente barata, avó», numa amiga que lá vivia e se oferecera para a hospedar em sua casa. «Tu lá sabes, lá sabes... mas não contes comigo, ouviste? Ainda para te tirar de apuros a coisa vai-se arranjando, agora para ires a Paris, a essa terra de perdição...» Era uma aguarela chata e sem o menor interesse, mas cheia de recordações.

Agora que tudo tinha acabado, desejaria tê-la consigo, pendurá-la no quarto, olhar para ela todos os dias. Havia de pedi-la à avó. Lá estava o pequeno café da *place de la Contrescarpe*, onde estivera sentada com ele a beber uma mistela acinzentada e sem sabor que só acabara de cair do filtro quando estava completamente fria. Ele tinha dito: «Se tu pudesses saber como me sinto feliz! Creio que nunca me senti tão feliz». E ela compreendera que as recordações do tempo em que ali estudara tinham um grande peso nessa felicidade que ele estava a sentir. Mas pusera sem ressentimento a mão na dele e sentira-se feliz também. «Com quem estiveste aqui? Conta lá.» Ele encolhera os ombros e tivera um sorriso largo, contente, muito fátuo. «Com uma inglesa morena, muitíssimo poética, que estudava lá não sei o quê na Sorbonne. Não me saía do hotel, para ser mais preciso, não me saía do quarto, o que era um pouco comprometedor. Chamava-se Daisy. Ainda me escreveu postais de Birmingham com alusões ao tempo e às possibilidades de voltar mas não lhe respondi.» Ela sorria, lembrava-se perfeitamente de que sorria. Lembrava-se também da mesa a que tinham estado sentados, logo à entrada, do lado direito. Quando a avó acordasse pedia-lhe o quadro.

Não lhe falava no dinheiro. Paciência. Havia de se arranjar de qualquer maneira. E tinha os olhos cheios de lágrimas e a cara cheia de lágrimas e o casaco salpicado de grandes pingos escuros.

A Boga saiu então de trás de uma cadeira. Era cinzenta, peluda e muito séria. Uma gata de sua casa, para agradar à avó Cândida. Sentou-se a olhar para Clara, com o seu olhar amarelo e quieto. Depois desinteressou-se e deu um piparote no cesto.

Algumas bolas de papel espalharam-se pelo chão. A Boga bateu numa delas com ar displicente e a bola foi tocar nos pés de Clara. Ela baixou-se maquinalmente e pôs-se a alisar o papel no joelho. «Minha Cândida adorada». Era uma carta de amor com todos os palavões da época. Adorada, idolatrada, coração ardente, alma gémea, e outras coisas no género. Com certeza do avô Albino. Como seria o avô Albino? Já não o conhecera - como havia de o ter conhecido, se o pai era pequeno quando ele morrera? - mas o que a avó dizia dele permitia-lhe fazer uma ideia.

«O teu avô era um excelente homem, não podia haver melhor. Mas coitado, só via o que lhe punham diante dos olhos. Para além disso, nada.» Era assim que a avó falava do avô Albino que um dia, coitado, se suicidara por coisas de dinheiro, do avô

Albino, autor daquela carta tão ardente e cheia de pormenores que... de pormenores que... Mas por que diabo escreveria o avô Albino aquela carta à sua mulher legítima? Só se... Voltou a folha. Pois claro. A carta não era do avô Albino, mas dum tal Augusto. «Muitos beijos do teu Augusto que te adora.»

Agora Clara estava muito excitada. Apanhou todas as bolas, juntou pedaços rasgados, e pôs-se a ler tudo aquilo, à pressa, olhando sempre para a avó Cândida que podia acordar dum momento para o outro. E depois de «o teu Augusto que te adora», havia «teu Mário que se lembra muito de ti» e a seguir «o teu Jorge que não te esquece um só momento» e ainda outro, que, prudente, assinava com uma inicial muito bem desenhada, um F. Mas no meio de toda aquela baralhada houve uma carta que fez Clara dar um pequeno grito e depois ficar à espera, aterrorizada, com medo de que a avó acordasse. E como ela não acordou, porque já não podia acordar, voltou a lê-la para a compreender melhor. Era uma carta de adeus do avô Albino em que ele se despedia da avó Cândida e lhe explicava a razão por que ia dar um tiro nos miolos. Essa razão era ter sabido que ela o atraía, que ela o atraía sempre. «Mas perdoo-te, Cândida, e espero que sejas feliz.»

Clara gritou: «Avó!» E não sabia por que gritara. Depois repetiu mais alto ainda, espantada da sua imobilidade: «Avó!» Levantou-se a correr, deu a volta à secretária. «Avó! Avó! Avó!»

Mas a avó Cândida tinha partido havia muito.

ESTÃO TODOS LÁ FORA?

A mesa onde tomávamos as nossas refeições num silêncio místico era uma vulgaríssima mesa de elion, em forma de rim, dessas que se vendem nos grandes armazéns, com os talheres colocados, naturalmente, só de um lado, o reentrante. O *écran* ocupava o centro da parede fronteira, levemente inclinado para baixo, a fim de as imagens se manterem perfeitas. O aparelho, escusado será dizer, estava metido no nicho competente. Todas as divisões de todas as casas de todas as cidades que vi até hoje têm nichos idênticos, um pouco mais largos uns, mais altos outros, conforme as preferências do arquiteto. Acha que não vale a pena dizer isto, comissário? Acha que todos o sabem? Claro que sabem, mas... Terão reparado mesmo na existência desses nichos que já ali estavam quando nasceram? Melhor, terão algum dia pensado que eles podiam não existir? Que as paredes podiam ser totalmente lisas? Estou a afastar-me do problema? Pronto, voltemos ao problema. Mas qual era ele, vendo bem? Pode chamar-se-lhe problema, comissário?

Desculpe, eu sei que não tem tempo a perder. Desculpe, comissário, mas a verdade é que não sei falar de outro modo. Às vezes o meu pensamento flutua um pouco, solta-se, aí vai ele, que será isto? Enfim, regressemos. Como eu estava a dizer-lhe, uma mesa em forma de rim. Ao centro a minha mulher, à sua direita eu, à sua esquerda o nosso filho. Os cotovelos tocavam-se mesmo que não quiséssemos. Uma família unida, pode acreditar. Porque me estou a rir? Sei o porque me estou a rir! Talvez tenha dito uma coisa engraçada, ou talvez a tenha pensado. Comíamos os três em silêncio, suspensos - eu pelo menos - do pequeno *écran* onde Vana falava e sorria e distribuía gratuitamente sonhos das nove às dez da noite. Havia anúncios. claro está. Fume cigarros *Marsch*. Beba cerveja *Ambar*. Use meias *Nerol*. Prefira carros *Zeli*. Eu sou esperto, visto *Label!* Mas depois Vana chegava. Posso falar-lhe do sorriso de Vana, da sua voz? Claro que acho importante. Cada um vê as pessoas a seu modo, e a sua Vana e a minha são, estou certo disso, diferentes. Pensou algum dia ao vê-la, ao ouvi-la, em música do velho Stravinsky, em taças de cristal, daquelas que cantam se lhes tocamos ao de leve, em fontes de inverno? Poesia! Qual poesia! Vana lembrava-me essas coisas, só isso: música, fonte, cristal. Mulher, naturalmente. A sua maneira de falar, de sorrir... Uma frase, um sorriso a pontuá-la, e esse sorriso era alegre, triste, melancólico, compreensivo, levemente trocista levemente astuto. Como

nós queríamos. Vinte anos, não é verdade, inteligente, graciosa, bela. Aqueles olhos de esmeralda, comissário. Aqueles cabelos loiros... Cheia de amor para *me* dar... Não se ria. Eu sei que todos os homens estavam mais ou menos apaixonados por ela, que o meu caso não era único. Eu sei. Mas não se trata disso. Naquela noite, Vana... Perdão, vamos por partes... Quer ou não quer perceber as coisas, comissário? Então...

Conhece Marcus Ball, naturalmente. Ele toca harpa elétrica e diz ao mesmo tempo: «És tu aquela por quem sempre esperei. Vamos gastar o domingo passeando pela Via Láctea...» É o que ele diz. E a minha mulher, que tem quarenta anos e é ruiva, comia e bebia num completo mutismo, e corava e empalidecia ao vê-lo e ao ouvida E quando à noite nos deitávamos, eu sabia que éramos quatro: eu, ela, Marcus e Vana.

Eu sei, comissário, que Vana e Marcus foram colocados pelo Grande Protetor, ali, nas nossas casas, para que se faça sem problemas aquilo que deve ser feito. Quando as eleições se aproximarem, Vana dirá «Votem comigo no Grande Protetor» e os homens precipitar-se-ão a votar nele. As mulheres ouvirão Marcas Ball e segui-lo-ão. As crianças... Essas felizmente ainda não votam. Essas treinam-se no tiro ao alvo, porque devem treinar-se desde pequeninas, e Steve Darc, o seu herói, nunca falhou um tiro e é assim que vence os homens de Vénus nos filmes que interpreta. Toni, o nosso filho, ficava em transe sempre que via a série *Astronauta invencível*, com Steve como protagonista. Esses filmes não nos interessavam. nem à minha mulher nem a mim, e nessas alturas conversávamos um pouco. Eu disse que conversávamos? Pura distração. Já não sabíamos conversar. Limitávamo-nos a mudar de canal, porque Tomi também tinha um nicho no quarto, e deixávamo-nos arrastar pelos nossos pensamentos.

O pior, dizia eu há pouco... O pior? Não, disse simplesmente que Vana, naquela noite... Eu estava sozinho em casa. A minha mulher deixara uma refeição fria sobre a mesa e fora ao cinema ver o último filme de Marcus Ball, em écran panorâmico. O meu filho fora até um dos fan-clubes de Steve Darc que ficava no nosso bairro. Senti-me feliz como há muito não me sentia, comissário. Lembro-me de que suspirei, sorri sem saber de quê, sentei-me à mesa quando o relógio elétrico marcou as 9 horas. Momentos antes tinham sido os anúncios. Fume cigarros *Marsch*. Beba cerveja *Ambar*. Eu sou esperto, visto *Label*. Então Vana chegou e eu comecei a comer sem dar por isso. Lembro-me de que deu notícias de todo o mundo e se referiu à próxima tentativa de chegar a Satumo. Coisas importantes, sem dúvida, mas que ouvi muito vagamente, porque, como já lhe disse, a voz dela era música, cristal, água. Coisas que se tomam na sua totalidade, coisas que não se analisam. Depois disse: «Agora vou falar-vos de Sieve Darc.» E sorriu. Era um sorriso longo, como sabe. Começava ao de leve, alargava-se, mostrava aqueles dentes muito certos, obrigava os olhos oblíquos a fecharem-se, depois voltava a ser pequeno, e a imagem apagava-se para voltar de novo com ela já noutra posição. Nessa noite, a posição foi inesperada. A imagem, de resto, não se apagou. Foi como se a câmara tivesse recuado de súbito, e o rosto de Vana pôs-se a diminuir de tamanho, e o seu corpo começou lentamente a aparecer. Eu nunca tinha visto o corpo de Vana, só o seu rosto, em primeiro plano. E ali estava o seu corpo. Um vestido metálico, decotado. curto, mostrando-lhe as coxas altas. O vestido era esverdeado e ela usava pequenas botas da mesma cor. Quando estava toda inteira no écran, dobrou a perna direita e saiu cá para fora. Custou-lhe a sair porque a mesa retangular que a minha mulher encostara à parede do nicho ficava bastante abaixo deste. Vana, no entanto, era alta, verifiquei-o nesse momento. Saltou ao de leve, aflorou com os pés a grande taça onde boiavam nenúfares de matéria plástica. No écran pude ler que, devido a um acidente inesperado, o programa ia ser interrompido, seguindo-se alguns anúncios. Fume cigarros..

«Olá!», disse Vana.

Levantei-me para a ajudar a descer da mesa e ela perguntou-me se se podia sentar um pouco. Melhor, se eu desejava que ela se sentasse um pouco. Respondi-lhe

com entusiasmo que a sua companhia me faria muito feliz e vi-a sentar-se com à-vontade mas um pouco perplexa, embora não tanto como eu.

«Como é possível...», comecei.

Ela interrompeu-me. «Um acidente. Já houve outro, não sabia? Os engenheiros estão preocupados e perturbados. Um desarranjo no "espaço" e a força da atração a atuar como um íman. Você foi o íman, eu a agulha. Aqui estou. O que me quer dizer?»

Eu? De repente senti-me mudo, comissário. Gostaria de falar, claro, mas sabia lá. Quase como se me encontrasse, Deus me perdoe, diante de Deus. O que pode uma pessoa dizer a Deus, assim, de repente, sem preparação?

«Na semana passada foi o Marcus. Estava a cantar e de repente... A mesma coisa, só que era uma mulher que o esperava, uma mulher ruiva, já não muito nova. Deve haver qualquer coisa nos aparelhos. No seu, no dela, noutros decerto. É aborrecido para nós.»

Falava e sorria, e os olhos fechavam-se-lhe e o sorriso alargava sobre aqueles dentes muito brancos.

«Posso ir?», perguntou. «Posso voltar?»

«Dê-me uma das suas botas como recordação.»

Ela riu. «Está bem», disse tirando-a logo. «O Marcus chegou sem gravata.» Entregou-me a sua verde bota metálica, depois explicou que, se eu fosse para outra sala, ou para a varanda talvez, ela poderia voltar para dentro do *écran*. E acrescentou: «É que há milhões de pessoas à minha espera, não vê? Nas suas casas, nos fan-clubes, nos restaurantes, nas *boîtes*...»

Olhei-a uma vez mais, entrei no quarto de dormir onde reparei pela primeira vez numa gravata que nunca fora minha e estava pendurada à cabeceira da cama. Quando voltei, o rosto de Vana era, no *écran*, uma flor a desfolhar-se em sons. Senti-me ao mesmo tempo feliz e frustrado, mais frustrado do que feliz. «Steve», entoava ela, «fale-nos de si. Acha que os jovens da atualidade são muito diferentes dos do século XX?»

O rosto de Steve. «Estive há pouco num fan-club e mesmo à porta, cara amiga, deu-se um caso...»

A campainha da porta tocou então, comissário. Era um guarda com o meu filho. O meu filho de doze anos e com um ar indiferente. O guarda parecia aborrecido. «Senhor», disse ele.

«Este garoto é seu filho?» E, perante o meu gesto afirmativo, explicou que, à saída do fan-club de Steve Darc, Toni tinha dado dois tiros certos no professor de Música Clássica que ia a passar e lhe dissera que Darc era um asno. E acrescentou: «Eu compreendo que um professor dessa música não serve para grande coisa, mas, francamente, era um homem, e o pequeno tem que ser castigado. Que tal dois anos na casa de correção psicológica?» E lá o levou.

Nesse mesmo dia, a minha mulher foi conduzida ao centro psiquiátrico com aquilo a que o médico chamou «extrema agitação emocional». Não ligou grande importância ao caso do pequeno, mas meteu na mala vários magazines com fotos de Marcus, artigos sobre ele e uma gravata.

Foi então que entrei na casa de jantar e esmigalhei o *écran*.

Não, comissário, juro-lhe que nem reparei que Vana estava nesse momento a conversar com Marcus e com Steve. Juro-lhe também que não sabia que o meu gesto podia matar os três. Ignorava que o problema com o meu aparelho de televisão era tão grave. Eu amava-a, comissário. Eu amava-a.

Que me querem matar? Percebi isso logo que chegou, logo que vi a sua expressão, por isso estou a falar, para que compreenda.

Quantos são eles, comissário? Todos? Estão *todos* lá fora? Quantos disse? A rua? O bairro? A cidade? A CIDADE INTEIRA, comissário?